

EURÍPIDES E ARISTÓFANES

UM DRAMA SATÍRICO
O CICLOPE

E DUAS COMÉDIAS
AS RÃS e AS VESPAS

Tradução do grego por
JUNITO DE SOUZA BRANDÃO



Editora Espaço e Tempo
Rio de Janeiro

O Cíclope

A PEÇA

O mito que serve de suporte ao drama de Eurípides foi extraído, como já se disse, do Canto IX da Odisseia, vs. 106-542, onde Homero relata as aventuras de Ulisses na caverna do Cíclope Polifemo.

Consoante o mito, Polifemo é filho do deus Posídon e da ninfa Toosa. A narrativa homérica apresenta-o como um gigante com um olho só no meio da testa, monstro e antropófago. Ulisses, com doze de seus companheiros, quando descansava numa gruta, cheia de cestos de queijo e de ovelhas, e aguardava o morador, para receber as dádivas da hospitalidade, foi aprisionado pelo Cíclope. Este já havia devorado seis de seus marinheiros, quando o herói, usando, como sempre, de astúcia, serviu por três vezes ao monstro um vinho delicioso. Durante a noite, enquanto Polifemo, sob o efeito da bebida, dormia profundamente, Ulisses e seus companheiros incandesceram um pedaço de um tronco de oliveira, já de antemão aguçado, e cravaram-no no olho único do monstro. Sem poder contar com o socorro de seus irmãos, que o consideraram louco, por gritar que Ninguém o havia cegado (este foi realmente o nome com que o solerte Ulisses se apresentara ao Cíclope), o gigante, louco de dor e de ódio, postou-se à saída da gruta, para que nenhum dos gregos pudesse escapar. Pela manhã, quando o rebanho do Cíclope se dirigia às pastagens, o solerte

Ulisses engendrou novo estratagema: amarrou seus companheiros sob o ventre dos lanosos carneiros e ele próprio escondeu-se embaixo do maior e mais belo deles e assim conseguiu burlar a vigilância de Polifemo e escapar do terrível filho de Posídon. Livre do perigo, o herói lhe revela seu verdadeiro nome e Polifemo se recorda de uma profecia, segundo a qual ele seria cegado por Ulisses. Por duas vezes, o Cíclope arrancando blocos de pedra, lançou-os contra os navios gregos, mas certamente Atená, a deusa de olhos garços, protegeu o filho de Laerte.

No essencial, Eurípides manteve em sua peça os elementos da narrativa homérica, mas outras influências e sobretudo exigências dramáticas fizeram com que o poeta introduzisse profundas modificações no mito relatado por Homero. A ação da peça, uma vez que os Cíclopes habitavam um local mais ou menos fabuloso, foi localizada na Sicília, junto ao Etna. Já que Héstodo, diferentemente de Homero, fizera dos Cíclopes os artífices dos raios de Zeus e a imaginação popular colocara nas profundezas do Etna as forjas de Hefesto, para quem trabalhavam os Cíclopes, nada mais natural que deslocar para lá a ação do drama.

O Polifemo de Eurípides não é apenas pastor e antropólogo cruel: o poeta humanizou-lhe a figura. Mantendo-lhe embora os traços canibalescos, Eurípides arran-

cou o Cíclope de sua feroz solidão: Polifemo conhece a lenda de Ganimedes e já ouviu falar no rapto de Helena e na guerra de Tróia. Ademais disso, a incredulidade estampada por Polifemo nos versos da *Odisseia* foi habilmente substituída em Eurípides por um materialismo muito corrente no século V a.C.

O Drama Satírico tinha obrigatoriamente o coro formado pelos Sátiros e como nenhuma ligação existia entre os Cíclopes e Dioniso, foi mister inovar também nesse ponto. Com muita naturalidade, retomando o mito desenvolvido pelo hino homérico, Dioniso ou Os Piratas, acerca do deus do vinho raptado por piratas tirrenos, o poeta supôs que Sileno e seus filhos, os Sátiros, tendo partido à procura de Baco, foram lançados por uma tempestade nas costas da Sicília e tornaram-se prisioneiros do Cíclope.

Os Sátiros, por sua própria natureza, demônios rústicos, se harmonizam perfeitamente com o cenário bucólico e selvagem da peça e nada mais natural que, escravos de Polifemo, se transformassem em pastores, e Sileno, já envelhecido, fosse feito guardião da caverna do Cíclope. Formando o coro do drama, os Sátiros agem como um verdadeiro ator. É graças a esses libertinos fantarrões e covardes que se ressalta a corajosa determinação de Ulisses de cegar Polifemo e quando, no interior da caverna, o herói leva a bom termo o seu intento,

é ainda o coro que, mimando e cadenciando os movimentos do espeto aceso, que Ulisses faz girar dentro do olho do Cíclope, nos mostra uma cena que nossos olhos não podem ver.

É por intermédio dos Sátiros finalmente que o fecho do drama se apresenta com grande vivacidade, já que, para ajudar a fuga de Ulisses e seus companheiros, o coro, com indicações falsas, engana o Cíclope cego, fazendo-o tatear de um canto a outro da cena.

A figura de Sileno, pai e companheiro inseparável dos Sátiros, é finamente desenhada. A presença desse bêbado contumaz fornece a Eurípides uma personagem inteiramente nova: é por meio de Sileno que o poeta faz para o público a indispensável exposição dos fatos, um verdadeiro argumento da peça, um quase prólogo. São os aspectos tradicionais dessa fisionomia demoníaca, impudente, covarde e bestial que, com sua fantasia burlesca, dão à peça sua real característica de Drama Satírico. Ao chegar à caverna do Cíclope em busca de viveres, Ulisses topa de imediato com Sileno. Este, ao ver um odre cheio de vinho, só pensa em beber e está disposto a trocar todos os bens de Polifemo pelo néctar de Dioniso. Bastou, porém, a presença ameaçadora do Cíclope para acovardar Sileno e fazê-lo arquitetar uma série de mentiras extravagantes para salvar-se e complicar ainda mais a situação de Ulisses.

O episódio homérico do Cíclope tem, propriamente, a duração de dois dias: duas noites se passam entre a chegada e a partida dos gregos. Dadas as exigências da ação dramática, Eurípides teve que reduzi-la a um só dia, simplificando, para isso, a uma só, as três refeições de carne humana que o Cíclope faz na Odisséia. Em Homero, Ulisses e seus marinheiros chegam à caverna de Polifemo à tarde e escapam dois dias depois, pela manhã; no drama de Eurípides eles se apresentam pelo meio-dia, quando o rebanho volta ao estábulo e fogem à tardinha, havendo tempo suficiente para que Ulisses pudesse vingar-se de Polifemo. Com isso, claro está, a ação foi reduzida e eliminaram-se alguns episódios conspícuos da Odisséia, como a fuga dos gregos sob o ventre dos carneiros, a saída das ovelhas pela manhã e o apelo patético de Polifemo a seu rebanho. A presença dos Sátiros e de Sileno, todavia, compensa tudo isso e dá maior movimentação e vida ao episódio, transformado em drama. Fundindo o humor com o realismo, o burlesco com o terrível, a deformação caricatural com a nobreza do estilo trágico, Eurípides realmente soube compor um Drama Satírico.

A data da encenação da peça é discutida, bem como a trilogia completada pelo Cíclope. Apesar dos argumentos de Kaibel, Wilamowitz e R. Marquart, Louis Méridier prefere colocar este drama satírico antes de 424 a.C.

ARGUMENTO

Ulisses, tendo partido de Tróia, de retorno a Ítaca, é lançado nas costas da ilha de Sicília, onde habita o terrível Ciclope Polifemo. Na caverna do Ciclope encontrou os Sátiros e seu pai Sileno, prisioneiros do monstro. Oferece vinho a Sileno e este, sedento do néctar de Baco, está disposto a trocar ovelhas e queijos de seu amo pelo odre de vinho de Ulisses, quando chega o Ciclope, berrando furioso. Devora numa só refeição dois companheiros do herói, mas este, como sempre, agindo com astúcia, após embriagar Polifemo, vaza-lhe com um espeto incandescente o único olho, logrando assim fugir e levar em sua companhia Sileno e os Sátiros.

RECOMPOSIÇÃO DO CENÁRIO

No fundo da Orquestra uma enorme caverna, aos pés do Etna, diante da qual se desdobra verdejante campina.

PERSONAGENS DO DRAMA:

Sileno

Coro dos Sátiros

Ulisses

O Ciclope.

SILENO — É por tua causa, Brômio,¹⁹ que sofro tantos infortúnios, hoje, como à época em que meu corpo respirava juventude. Primeiramente, quando enlouquecido por Hera,²⁰ abandonaste tuas amas, as Ninfas montanhesas e partiste; depois, no combate contra os Gigantes,²¹ quando, à tua direita, lutei a teu lado, e, com um golpe de dardo bem no meio do escudo, matei Encélado. Estou, por ventura, narrando um sonho que tive? Não, por Zeus, pois mostrei a Baco os despojos.

10 Hoje, meus sofrimentos ainda são maiores que os de outrora. Quando Hera lançou contra ti os piratas etruscos, para que fosses vendido bem longe, tão logo soube, naveguei com meus filhos à tua procura. Eu próprio, na extre-

¹⁹ *Brômio*, epíteto de Dioniso ou Baco, enquanto deus do êxtase e do entusiasmo.

²⁰ *Hera*, mulher de Zeus, enciumada com os amores de seu marido pela princesa Sêmele, da qual nasceu Dioniso, moveu contra este várias e terríveis perseguições, tendo mesmo, certa feita, enlouquecido o jovem deus, que vagou através do Egito e Síria, até que chegou à Frígia, onde foi purificado e iniciado nos mistérios da deusa Cíbele.

²¹ *Gigantes*, filhos da Terra, nascidos do sangue de Úrano, mutilado por Crono. Quando Zeus destronou a seu pai Crono, Géia (Terra) lançou contra ele os Gigantes, que foram vencidos pelo novo soberano com o auxílio de outros deuses, entre os quais sua filha Atená, que matou a Encélado. É verdade que Sileno e seus Sátiros tomaram parte nos combates (*Gigantomachia*), mas as fanfarronadas do pai dos Sátiros e o estilo grandiloquente com que Eurípides as descreve neste Prólogo caracterizam bem comicamente a personagem e suas bazófilias.

15 midade da popa, segurando o duplo leme, dirigia a nave,
e meus filhos, sentados, branquejavam o mar esverdeado
a golpes de remos, procurando-te, senhor!

20 Já havíamos navegado até as proximidades de Mália,²²
quando o vento de leste, soprando contra a nau, nos lan-
çou sobre o rochedo do Etna, onde os filhos caolhos do
deus do mar, os Ciclopes homicidas, habitam antros soli-
tários. Aprisionados por um deles, somos escravos em sua
gruta. Aquele, a quem servimos, chama-se Polifemo. E, em
vez de *evóés*²³ nas festas de Baco, apascentamos os reba-
nhos de um ímpio Ciclope.

25 Meus filhos, nos píncaros das montanhas, vigiam o reba-
nho novo, eles também são jovens, enquanto eu permane-
ço aqui, para encher os bebedouros e limpar a caverna,
eis aí o meu ofício, e servir ao infame Ciclope abominá-
veis refeições. E agora, é uma ordem que recebi, é preciso
varrer o antro com este ancinho de ferro, a fim de que
a gruta esteja limpa para acolher meu senhor ausente, o
Ciclope, e seus rebanhos.

30 *De repente, Sileno pára e olha à esquerda: ouve-se uma
gritaria, entrecortada de cantos.*

Eis que percebo meus filhos tangendo para cá o seu reba-
nho. Mas, que é isto? Por ventura o estrépito da siquinis²⁴
ainda vos é tão familiar como quando escoltando a Baco
em festas procissões, vos dirigíeis para a casa de Altéia,²⁵
ao som das liras, balançando os quadris?

*Precedidos do flautista e tangendo o rebanho, os Sátiros,
cobertos com uma espécie de malha da cor da pele e
vestindo uma túnica de couro ornada na frente com
um falo e atrás com uma cauda de cavalo, irrompem na
Orquestra, cantando e dançando.*

²² Mália, cabo da Lacônia, no Peloponeso.

²³ *Evóés*, gritos festivos com que se invocava o deus Baco em suas cerimônias.

²⁴ *Siqúinis*, era a dança própria do *Drama Sático*. Acompanhada de saltos e cambalhotas, traduzia a exuberância física dos Sátiros.

²⁵ *Altéia*, esposa de Eneu, rei da Calidônia, na Etólia. Altéia era mãe de Me-
leagro, famoso adivinho.

45 Filha de um pai de raça e de mãe de sangue nobre, por
onde desejas ganhar os rochedos? Não tens aqui, ao abrigo
do vento, ar fresco e grama em abundância? A água ser-
peante dos riachos não está depositada nos bebedouros,
perto da caverna? Não ouves o balido de tuas crias? (*A
um carneiro retardatário*)

50 Psiu! Queres é pastar aqui, na encosta úmida de orvalho?
Vamos, vou te dar sem demora uma pedrada. Vamos, va-
mos, ó chifrudo, para o estábulo do pastor, o rústico Ciclo-
pe. (*A uma ovelha retardatária*) Distende tuas tetas cheias.
Recebe em tuas mamas as crias, os cordeirinhos que dei-
xaste em tuos currais. Os balidos de teus pequeninos, que dor-
mem o dia todo, te reclamam. Quando deixará as verdes
pastagens, para te dirigires ao estábulo, no coração dos
penhascos do Etna?

65 Brômio está longe. Distantes os coros, as Bacantes²⁶ tirsí-
geras, o rufar dos tambores à beira das fontes borbulhan-
tes e os tragos do vinho novo! Estou ausente de Nisa,²⁷ en-
tre as Ninfas, sem entoar as canções de Iaco,²⁸ em busca
de Afrodite. Eu a buscava, voando com as Bacantes de
alvos pés!

75 Ó bem-amado, ó Baco querido, por onde erras solitário,
sacudindo tua loura cabeleira? Eu, no entanto, teu servi-
dor, trabalho para o Ciclope caolho. Como um escravo,
80 longe de teu afeto, vagueio coberto com esta mísera túnica
de couro de bode.

²⁶ *Bacantes* ou *Mênades*, eram Ninfas dionisiacas, servas e companheiras do
deus, que se dedicavam ao trabalho da vindima, não raro acompanhadas dos
Sátiros. Animadas do espírito báquico, entregavam-se a correrias desenfreadas,
lançando gritos agudos, ao som dos tambores. Empunhavam o tirsó, bastão
ornado com hera e pânpanos, símbolo de Baco.

²⁷ *Nisa*, montanha, onde, segundo o mito, Dioniso foi criado pelas Ninfas e
Sátiros.

²⁸ *Iaco*, nome místico de Baco, enquanto condutor dos iniciados nos Mistérios
de Elêusis.

Sileno, que inspeciona o horizonte, volta-se repentinamente para os Sátiros.

SILENO — Silêncio, filhos! Ordenai aos escravos que reclinam o rebanho no antro de tetos rochosos.

CORIFEU — Vamos! (*Os escravos se apressam em reunir o rebanho*) Mas, com que te preocupas, pai?

85 SILENO — Vejo junto à praia a quilha de um navio grego. Os remadores e seu chefe dirigem-se para nossa gruta. Pen-
90 duradas no pescoço trazem ânforas vazias: necessitam de víveres. Trazem ainda jarros. Pobres estrangeiros! Quem são eles? Desconhecem a Polifemo, nosso patrão, caso contrário não se lançariam desgraçadamente nas queixadas do Cíclope antropófago. Calai-vos, porém, para que saibamos
95 donde vieram e como chegaram ao penhasco do Etna, na Sicília.

Surge Ulisses, à direita, com a espada à cinta; pendurado ao ombro um odre e, preso à correia, que sustenta o odre, uma taça grande. Seguem-no seus companheiros com ânforas e jarros, pendurados ao pescoço.

ULISSES — Estrangeiros, podeis nos informar onde encontrar água corrente para matar nossa sede e quem poderia
100 vender alimentos a marinheiros famintos? Que é isto? Parece que chegamos à terra de Brômio. Vejo junto à caverna uma multidão de Sátiros. Saúdo primeiramente o mais velho.

SILENO — Saúde, estrangeiro! Dize-nos quem és e qual a tua pátria.

ULISSES — Sou Ulisses, de Ítaca, rei dos Cefalênios.²⁹

SILENO — Conheço esse herói, tagarela e astuto, sangue de Sísifo!³⁰

²⁹ Consoante a *Iliada*, II, 631 sq., *Cefalênios* são os povos submetidos a Ulisses. Isto é, os habitantes de Ítaca, Zacinto, Same e costa da Acarnânia.

³⁰ *Sísifo*, o mais astuto e inescrupuloso dos homens, foi o lendário fundador e rei de Corinto. Conseguiu raptar Anticléia, mãe de Ulisses, antes de seu casamento com Laerte e tornou-se o pai do herói, tão astuto como Sísifo. Após uma série de crimes contra deuses e homens, foi condenado por Zeus a rolar enorme rochedo montanha acima, donde caía ao chegar, obrigando-o a recommençar o trabalho incessante e inútil.

105 ULISSES — Sou eu mesmo, mas nada de ofensas!
SILENO — De onde vem a nau que te trouxe à Sicília?
ULISSES — Vem de Ílion e das fadigas de Tróia.
SILENO — Como? Desconhecias o caminho da pátria?
ULISSES — A violência dos ventos e as tempestades lançaram-me aqui.

110 SILENO — Ai! Ai! Compartilhas comigo o mesmo destino!
ULISSES — Foi também contra tua vontade que vieste aqui?
SILENO — Perseguiu os raptores de Brômio.

ULISSES — Que país é este e quem o habita?

SILENO — É o Etna, o mais alto monte da Sicília.

115 ULISSES — Onde estão as muralhas e as fortificações da cidade?

SILENO — Não existem. Neste monte não habitam seres humanos, estrangeiro.

ULISSES — A quem pertencem estas terras? A feras, por acaso?

SILENO — Aos Cíclopes, que habitam antros, não casas.

ULISSES — Quem é seu chefe? Possuem eles o regime democrático?

120 SILENO — São pastores errantes e ninguém obedece a ninguém em nada.

ULISSES — De que se alimentam? Cultivam o trigo, consagrado a Deméter?³¹

SILENO — Alimentam-se de leite, queijo e de carne de carneiro.

ULISSES — Não bebem o suco da videira, consagrado a Brômio?

SILENO — De modo algum. Também não existe a dança nestes locais por eles habitados.

125 ULISSES — São hospitaleiros e benévulos com os estrangeiros?

SILENO — Os estrangeiros, dizem eles, têm uma carne saborosíssima.

³¹ *Deméter*, mãe de Perséfone, é o símbolo das forças produtoras da natureza; é a deusa do trigo, das searas e das colheitas.

- ULISSES — Que dizes? Gostam de devorar carne humana?
 SILENO — Todos que vieram aqui foram degolados.
 ULISSES — E ele, o Cíclope, onde está? Estará em casa?
 130 SILENO — Nos arredores, sobre o Etna, caça com sua matilha.
- ULISSES — Conheces um meio de sairmos daqui?
 SILENO — Não sei, Ulisses, mas tudo faremos por ti.
 ULISSES — Vende-nos alimentos, de que tanto precisamos.
 SILENO — Não os temos, como já lhe disse, exceto carne.
 135 ULISSES — Bem, esta é um doce remédio contra a fome.
 SILENO — Temos ainda queijo fresco e leite de vaca.
 ULISSES — Trazei; os negócios se fazem à luz do sol.
 SILENO — Dize: quanto me pagarás?
 ULISSES — Não pagarei com ouro, mas com o licor de Dioniso, que trouxe comigo.
- 140 SILENO — Ó palavra abençoada! Há quanto tempo sentimos tua falta!
 ULISSES — Foi Marão,³² filho de um deus, que me deu este néctar.
- ULISSES — Aquele que eu outrora criei nos meus braços?
 ULISSES — O filho de Baco, para falar com mais clareza.
 SILENO — Está nos bancos da nave ou o tens contigo?
 145 ULISSES — Este odre, que estás vendo, o esconde, ancião.
- (*Mostrando o odre a Sílano*)
- SILENO — Isto? Não daria para encher a minha boca.
 ULISSES — Eu sei, mas tenho o dobro do que traz este odre.
 SILENO — Mencionas uma linda nascente, que me agrada muito.
- ULISSES — Queres logo provar o vinho puro?
 150 SILENO — Dizes bem, mas degustação pressupõe negócios.
 ULISSES — Eu trouxe uma taça juntamente com o odre.

³² *Marão*, protótipo do bêbado, era, consoante Eurípides, filho de Baco e companheiro de Sílano. Como Ulisses o protegera (cf. *Odiss.* IX, 197), Marão presenteou o herói com um vinho forte, puríssimo e delicioso, graças ao qual o herói conseguiu embriagar o Cíclope Polifemo, vaziar-lhe o único olho e escapar.

SILENO — Vamos, enche-a, para que, bebendo, não me esqueça dela.
 ULISSES (*Enche a taça e leva-a ao nariz de Sílano*) — Toma.
 SILENO — Ah! Hã! Que perfume delicioso!
 ULISSES — Viste o odor?

SILENO — Não, por Zeus, mas o senti.
 155 ULISSES (*Coloca-lhe a taça nas mãos*) — Bebe, para que não fiques apenas em elogios.

SILENO (*Esvazia a taça e ensaia um passo de dança*) — Ah! Oh! Baco me convida a dançar. Trá! lá! lá!
 ULISSES — Tua garganta fez um barulhinho gostoso?
 SILENO — Um barulhinho que me chegou até as extremidades das unhas.

160 ULISSES — Além do vinho ainda te daremos dinheiro.
 SILENO — Esquece o dinheiro, esvazia somente o odre.
 ULISSES — Trazei então os queijos ou as ovelhas.

SILENO — Vou trazê-los, pouco me importando com o patrão. Eu trocaria prazerosamente o rebanho inteiro dos Cíclopes por um gole só; por um só trago, daqueles que cercam as sobancelhas, saltaria no mar do rochedo de Leucas. Sim, louco é quem não se alegra, ao beber. (*Com um gesto obscuro*) Só então é que este fica bem durinho e se pode apertar um seio e pesquisar com as duas mãos o úmido e bem sombreado jardim. É este o momento de dançar e esquecer as tristezas. Depois disso deixarei de comprar este néctar? Vou ficar aí lamentando a estupidez do Cíclope e de seu olho no meio da testa? (*Entra na gruta*)

175 CORIFEU — Escuta, Ulisses, desejamos conversar um pouco contigo.

ULISSES — São amigos que falam com um amigo.
 CORIFEU — Tomastes Tróia e libertastes Helena?

ULISSES — Destruímos a cidadela inteira de Priamo.
 CORIFEU — E, uma vez recuperada a jovem, não lhe aplicastes uma boa curra, já que ela gosta tanto de trocar de marido? Safada! Quando viu as calças largas e coloridas que envolviam as pernas do outro e o colar de ouro que lhe envolvia o pescoço, perdeu a cabeça e abandonou

185 Menelau, um homenzinho tão bondoso! Oxalá jamais tivesse nascido a raça feminina — a não ser que fosse para mim só!

Sileno sai da gruta, erguendo com uma das mãos um tabuleiro cheio de queijos; com a outra arrasta ovelhas com as patas amarradas.

190 SILENO — Eis aí para vós, senhor Ulisses, o alimento dos pastores, tenras ovelhas baladoras e queijos frescos em abundância. Levai e afastai-vos o mais depressa possível desta gruta, deixando-me em troca o licor de Baco. (*Olhando espantado para a esquerda*) Que desgraça! Vem aí o Cíclope. Que vamos fazer?

ULISSES — Então estamos perdidos, ancião! Por onde vamos fugir?

195 SILENO — Podeis vos esconder no interior da gruta.

ULISSES — Estranho conselho! Vamos nos lançar nas malhas da rede?

SILENO — Não é estranho. Há muitos refúgios lá dentro.

200 ULISSES — Jamais! Tróia certamente choraria amargamente, se fugíssemos de um só homem, quando, muitas vezes, apenas com um escudo, enfrentei a milhares de frígios. Se for necessário morrer, morreremos com honra ou com a vida salvaremos nosso passado de glórias.

Enquanto os Sátiros saracoteiam na Orquestra, o Cíclope, barbudo, de estatura descomunal, com um só olho no meio da testa, uma clava na mão, e acompanhado de seus cães, entra pela esquerda. Pára e grita com os Sátiros.

CÍCLOPE — Alto! Atenção! Que é isto? Que brincadeira é esta? Que significam estes transportes báquicos? Dioniso não está aqui, nem os crótalos de bronze e muito menos se ouve o rufar dos tambores!

205 Como estão lá na gruta os cordeirinhos recém-nascidos? Estão agarrando as tetas, esforçando-se sob o flanco das mães? E os tabuleiros de junco estão cheios de queijos frescos? (*Os Sátiros estão mudos e cabisbaixos*) Nada respondeis, nada falais? Qual de vós há de chorar primeiro

sob os golpes desta clava? Olhai para cima e não para baixo! (*Os Sátiros, com um só movimento, levantam a cabeça para o céu*)

CÓRIFEU — Eis aí, levantamos a cabeça em direção ao próprio Zeus; fixo meu olhar nos astros e em Oríon.³³

CÍCLOPE — Meu almoço está preparado direito?

215 CÓRIFEU — Ele te espera: é só preparar a garganta.

CÍCLOPE — Também os vasos estão cheios de leite?

CÓRIFEU — Podes beber, se quiseres, a jarra inteira.

CÍCLOPE — Leite de ovelha, de vaca, ou misturado?

CÓRIFEU — À tua escolha, contanto que não me engulas!

220 CÍCLOPE — Não há perigo! Saltando no meio de meu ventre, me mataréis com vossa dança alucinante! (*Repentinamente se volta e vê os gregos perto da gruta*) Eh! Que multidão é esta perto dos estábulos? São piratas ou ladrões que aqui chegaram? Vejo minhas ovelhas fora do antro, as patas ligadas com vime trançado e com elas tabuleiros cheios de queijo e o ancião com sua fronte calva intumescida de golpes.

SILENO (*Aproxima-se choramingando*) — Ai! Estou com febre; infeliz que sou, moeram-me de pancadas!

CÍCLOPE — Quem, quem foi, ancião, que te feriu a cabeça a socos?

230 SILENO (*Mostrando os gregos*) — Estes aí, Cíclope, porque impedi que te roubassem.

CÍCLOPE — Sabiam que sou um deus e filho de um deus?

SILENO — Eu lhes disse tudo isto; eles, porém, roubavam teus bens. E mesmo o queijo, contra a minha vontade, eles o comiam e estavam prontos para levar teu rebanho. Quanto a ti, depois de te atarem a uma estaca de três metros de altura, e pelo umbigo, bem no meio do corpo, diziam eles, haveriam de arrancar-te as entranhas à força e, à base de chicotadas, haveriam de moer-te convenientemente o lombo. Em seguida, de mãos e pés ligados, serias lançado

³³ Oríon, caçador gigante e de extraordinária beleza. Tentou violentar a deusa Artemis, que ordenou a um escorpião que o picasse no calcanhar, causando-lhe a morte. Mais tarde foi transformado pela deusa em constelação.

240 nos bancos da nave, para seres vendido como carregador de pedras ou para girar a mó do moinho.

CICLOPE — Verdade? Pois vai imediatamente e afia os facões de trinchar e põe no fogo um grande feixe de lenha. Vou degolá-los já e com eles encher meu ventre. O sacrificador lhes devorará a carne quente, saindo da brasa; o resto comerei cozido, amolecido no caldeirão. Na realidade, estou de ventre cheio com a caça montanhosa: comi muita carne de leão e veado, mas há muito que não devo-
ro carne humana!

250 SILENO — Sim; a novidade após um período de rotina, ó senhor, é mais agradável. Não é todo dia que chegam estrangeiros a teu antro.

255 ULISSES (*Aproximando-se*) — Ciclope, ouve também os estrangeiros. Necessitando de víveres, saímos da nau e nos aproximamos de teu antro, com a intenção de comprá-los. As ovelhas este (*apontando para Sileno*) as negociou conosco em troca de um copo de vinho. Entregou-as, após beber, tendo havido consentimento mútuo, sem qualquer violência, por conseguinte.

Não há sentido algum no que ele acabou de dizer; foi, isto sim, pillhado, vendendo os teus bens às escondidas.

260 SILENO (*Caindo aos pés do Ciclope*) — Eu? Que pereças miseravelmente!

ULISSES — Se menti...

SILENO — Por Posídon, autor de teus dias, ó Ciclope, pelo grande Tritão,³⁴ por Nereu,³⁵ por Calipso³⁶ e pelas Nereidas;

³⁴ *Tritão*. Deus marinho, filho de Posídon. Tinha corpo de homem e cauda de peixe. Mensageiro do pai, anunciava-lhe a chegada, ao sopro de uma concha recurvada.

³⁵ *Nereu*. Mais antigo que Posídon como Velho deus do mar, era filho de Oceano ou Ponto e de Géia, a Terra. Nereu era a imagem do mar calmo e sedutor. Possuía o poder de metamorfosar-se em qualquer espécie de animal.

Com Dóris, sua esposa, foi pai das Nereidas.
³⁶ *Calipso*. Ninfa, filha de Atlas e Plione, segundo as melhores fontes. Vivía na ilha de Ovígia, onde acolheu o náufrago Ulisses e aí, durante sete anos, por ele apaixonada, o reteve.

265

pelas ondas sagradas e pela raça inteira dos peixes, eu juro, ó belíssimo, ó Ciclopezinho, ó meu senhorzinho, juro que não vendi teus bens aos forasteiros; caso contrário (*mostrando os Sátiros*) que pereçam desgraçadamente estes desgraçados filhos aos quais amo acima de tudo.

270

CORIFEU — Caia sobre ti a praga! Eu te vi negociando com os estrangeiros; se estou mentindo, que meu pai morra, mas não seas injusto com os forasteiros!

275

CICLOPE (*Aos Sátiros*) — Mentira! Tenho (*apontando para Sileno*) mais confiança nele que em Radamanto³⁷ e, em relação a este, o julgo mais justo. Quero interrogá-los. (*A Ulisses*) De onde vem a vossa nau, ó estrangeiros? Qual é vosso país? Em que cidade vos creastes?

280

ULISSES — Ítaca é nosso berço, mas foi de Tróia que, após destruímos a cidade, impelidos pelos ventos marinhos, chegamos à tua terra, Ciclope.

285

CICLOPE — Fostes vós que, para vingar o rapto da ex-crável Helena, destruístes a cidade de Tróia, vizinha do rio Escamandro?

285

ULISSES — Nós mesmos. Executamos essa penosa tarefa. CICLOPE — Vergonhosa expedição! Por causa de uma única mulher navegastes para o país dos Frígios!

290

ULISSES — Um deus é o responsável. Disso não acuses a nenhum dos mortais. (*Com ar de súplica*) Quanto a nós, ó ilustre filho do deus do mar, atende à nossa súplica e às nossas palavras sinceras: não concebas a idéia de matar em teu antro a pessoas que aqui chegaram como amigos e delas não faças, para teus maxilares, uma abominável refeição! Nós, senhor, defendemos os templos de teu pai, guardando-os bem no interior da terra grega. A sagração enseada do Ténaro permanece inviolável, assim como os altos refúgios de Maléia; em Súnio estão a salvo o rochedo marchetado de prata da deusa Atená, bem como os escondidos

³⁷ *Radamanto*. Herói cretense, considerado como um dos três filhos de Zeus e Europa, irmão, por conseguinte, de Minos e Sarpédon. Foi tão reto e imparcial na distribuição da justiça, que, ao morrer, foi feito com Éaco e Minos um dos três juizes do Hades.

295 derijos de Geresto.³⁸ Nem tampouco a Grécia, o que seria
injúria grave, permitimos fosse entregue aos frígios.³⁹ Tam-
bém tu participas desses bens, porque é grega a terra, cujas
profundezas habitas, ao pé do Etna, este rochedo que vo-
mita fogo. Existe, por outro lado, em relação aos mortais,
uma lei, se é que discordas de minha argumentação, que
manda acolher os suplicantes arruinados pelo mar; dar-lhes
hospitalidade; fornecer-lhes vestuário e não cravar-lhes os
membros em grossos espetos para encheres tuas maxilas
e estômago. Bastam os vazios provocados na Grécia pela
guerra de Príamo, que bebeu o sangue de tantos mortos
tombados pela lança. Tróia privou esposas de seus mari-
dos, anciãs de seus filhos e destruiu velhos encanecidos.
Se os que restam forem por ti assados e devorados num
monstruoso festim, que há de acontecer? Mas, crê em mim,
Cíclope: esquece a voracidade de tuas maxilas e prefere
a piedade à impiedade. Muitos, em troca de proveitos de-
sonestos, foram castigados.

300 SILENO (*Ao Cíclope*) — Quero te dar um conselho: (*mos-*
trando Ulisses) não deixes nada da carne dele; se lhe mor-
deres a língua, Cíclope, hás de ficar astuto e serás o maior
dos tagarelas.

305 CÍCLOPE (*A Ulisses*) — A riqueza, homenzinho, é o deus
dos sábios, o restante são discursos enfáticos e palavras
bonitas. Quanto aos cabos marinhos, onde habita meu pai,
que passem bem! Que pretendes com tuas palavras? O
raio de Zeus não o temo, estrangeiro, e não sei em que
Zeus é um deus superior a mim. O resto não me preocupa
e escuta por que não me preocupo com o resto. Quando
das alturas ele despeja o aguaceiro, tenho neste antro o

³⁸ No cabo Tênaros havia um templo e uma estátua de Posídon; no porto, a oeste do cabo Maléia, existia também uma estátua do deus do mar e no promontório de Geresto, na Eubéia, o deus possuía um santuário. O cabo Súnio, no sul da Ática, era consagrado a Posídon e à deusa Atená.

³⁹ A argumentação de Ulisses é insólita: fala da Guerra de Tróia, que jamais ameaçou a Grécia continental, pensando nas Guerras Médicas, que tantos males causaram à Hélade, sobretudo a segunda com Xerxes, em 480 a.C.

325 meu abrigo, onde, após me empanurrar com um bezerro
assado ou com uma caça selvagem qualquer, irriço gosto-
samente o baixo-ventre, esvaziando uma ânfora de leite.
Depois, para rivalizar com os trovões de Zeus, encho mi-
nha túnica de estrondos! Quando Bóreas, o vento da Trá-
cia, faz nevar, envolvo meu corpo em peles de feras, es-
quento-me ao fogo e a neve deixa de me preocupar. A
terra, necessariamente, quer queira, quer não queira, pro-
duz o capim, que engorda meu rebanho. A ninguém os
ofereço em sacrifício, a não ser a mim mesmo; aos deuses,
jamais, exceto ao maior dos deuses, este meu estômago!
330 Na realidade, ter o que comer e beber diariamente este é
o Zeus para as pessoas sensatas e mais, não se aborrecer
com coisa alguma. No que se refere àqueles que fizeram
leis para embelezar a vida humana, que se danem! Por
isso, não deixarei de me satisfazer — vou te devorar! Co-
mo presentes de hospitalidade, porque desejo ser irrepren-
sível, receberás fogo, (*mostrando o regato*) e a água pa-
terna⁴⁰ e um caldeirão: fervendo, ele envolverá maravi-
lhosamente bem tuas carnes decepadas. Entraí pois e, em
340 homenagem ao deus do antro, como se estivesse de pé em
torno do altar, regalai meu estômago!

Empurra os gregos para a gruta

ULISSES — Ai! Ai! Escapei da guerra de Tróia e dos pe-
rigos do mar, para cair nas mãos de um homem sem lei
e de coração inflexível.

350 Ó Palas,⁴¹ ó senhora, ó deusa, filha de Zeus, agora é o
momento de me socorreres! O que enfrento é muito mais
sério que Tróia e estou às bordas do precipício. E tu,
que habitas a mansão dos astros coruscantes, ó Zeus hospi-
taleiro, vê meu destino. Se não o vês, inutilmente te cha-
mam de deus Zeus: tu não és coisa alguma.

Desaparece na gruta

⁴⁰ *Posídon*, além de deus do mar, o é também das fontes e das ribeiras. É seu tridente que faz brotar dos rochedos as fontes.

⁴¹ *Palas* é um epíteto ritual da deusa Atená, enquanto protetora da cidade de Atenas.

CORO — Abre, Cíclope, os amplos desfiladeiros de tua garganta! Esperam por ti, deitado no espesso toão de cabra, as carnes de teus hóspedes. Estão cozidas, assadas, quentínhas, saindo da brasa! Estão prontas para morder, mastigar, despedaçar! Não! Não as dividas comigo! Assume sozinho a responsabilidade desse ato. Longe de mim esta gruta, longe de mim o ímpio, que sacrifica tais vítimas, o Cíclope do Etna, que se delicia em devorar as carnes de seus hóspedes que a seu lar chegaram como suplicantes; que se delicia com suas carnes assadas e com dente infame as despedaça e come, ainda quentes, saindo da brasa.

360

365

370

.....
Não! Não as dividas comigo! Assume sozinho a responsabilidade desse ato! Longe de mim esta gruta, longe de mim o ímpio, que sacrifica tais vítimas, o Cíclope do Etna, que se delicia em devorar as carnes de seus hóspedes.

Ulisses sai do antro com um odre

ULISSES — Ó Zeus, que direi das cenas terríveis que contemplei no interior da gruta? Cenas incríveis, semelhantes a fábulas e não a atos humanos.

375

CORIFEU — Que foi Ulisses? Por ventura o infame Cíclope devorou teus queridos companheiros?

ULISSES — A dois dentre eles, após examinar atentamente e pesar em suas mãos os que se apresentavam com mais carne e gordura.

380

CORIFEU — Como, ó mísero, sofrestes tudo isso?

ULISSES — Tão logo penetramos na gruta pedregosa, acendeu imediatamente o fogo, lançando troncos de um enorme carvalho sobre as labaredas — uma carga para ser transportada em três carroças, mais ou menos; depois, no chão, bem junto às chamas, estendeu um leito de folhas de abeto. Ordenhou as novilhas e encheu até as bordas, com o branco leite aí derramado, um vaso enorme, com capacidade de mais ou menos dez ânforas. Colocou a seu lado um copo de hera que parecia ter uns nove palmos

385

390

de largura e doze de altura. Pôs no fogo um caldeirão de bronze; de galhos de espinheiro preparou uns espetos, que poliu com a foice e cujas extremidades colocou nas chamas, até que ficassem bem queimadas; como se fosse um sacrificador, preparou vasos gigantescos para apapar o sangue das vítimas.

395

Quando tudo estava pronto, o amaldiçoado dos deuses, o cozinheiro do inferno, pegou ao mesmo tempo dois de meus companheiros: metodicamente, a um degolou bem em cima da boca do caldeirão de bronze; o outro, seguindo-lhe os pés pelos tendões, de um só golpe contra a ponta aguda de uma rocha esparramou-lhe a massa encefálica. Depois, trinchando ferozmente as carnes com uma faca, assava-as no braseiro, enquanto os membros foram lançados para cozinhar no caldeirão. Eu, infeliz de mim, derramando abundantes lágrimas, acompanhava o Cíclope e o servia; meus companheiros, como passarinhos, escondiam-se nas fendas da rocha, sem uma gota de sangue nas veias. Em seguida, empanturrado das carnes de meus marinhos, deitou-se de costas, exalando um hálito fétido.

400

Ocorreu-me então uma idéia divina... Enchi o copo com o licor de Marão e dei-lhe a beber, acrescentando: ó Cíclope, filho do deus do mar, vê o que a Grécia extrai da videira, esta bebida celestial, que faz Dioniso sorrir. Ele, empanzinado com a abominável refeição, aceitou e bebeu de um só trago, esvaziando o copo e então elogiou, levantando a mão: "estrangeiro queridíssimo, após um banquete maravilhoso, tu me ofereces uma bebida maravilhosa." Percebendo que ele estava muito aceso, dei-lhe outro copo, sabendo que o vinho o morderia e que a vingança viria rápido. E quando o Cíclope já começava a cantar, eu lhe oferecia copo sobre copo, queimando-lhe as vísceras com o licor. Começou então a entoar, junto à minha tripulação em prantos, canções sem nexo, repetidas em eco pelo antro.

405

410

415

420

425

430

Sai agora da gruta, silenciosamente, e desejo, se assim o quiseres, salvar-te comigo. Vamos! Quereis ou não escapar desse monstro selvagem e habitar o teto de Baco

em companhia das Náiades? Teu pai, lá na gruta, com-corda, mas, aquebrado e querendo aproveitar da bebida, agarra-se ao copo, como se estivesse com as asas presas ao visgo, tornando-se, com isso, vacilante. Tu, porém, és jovem, salva-te comigo e reencontra teu velho amigo Dioniso: ele é muito diferente do Cíclope!

435 CORIFEU — Oxalá, meu querido amigo, chegue o dia, em que possamos fugir de Polifemo, essa besta sacrílega! (*Mostrando o falo*) Há quanto tempo este tubo querido está de férias! (*Com um gesto na direção do antro de Polifemo*) Quanto ao outro, não o podemos engolir novamente!

440 ULISSES — Ouve então o plano que tracei para nos virmos do monstro perverso e para libertar-te da escravidão. CORIFEU — Fala. O som da cítara asiática não será mais doce a nosso ouvido que a morte do Cíclope.

445 ULISSES — Ele quer ir se divertir com os Cíclopes, seus irmãos: o licor de Baco o pôs sumamente agitado. CORIFEU — Compreendi. Surpreendê-lo sozinho nas florestas e degolá-lo, eis o que que planejas, ou precipitá-lo do alto dos rochedos.

ULISSES — Nada disso, quero agir pela astúcia.

450 CORIFEU — Mas, como? Não é de hoje que ouço falar em tua sagacidade.

ULISSES — Quero afastá-lo dessas comemorações, alegando que não deve repartir o vinho com os Cíclopes, mas conservá-lo só para si e viver alegremente.

455 E quando adormecer, vencido por Baco, já temos na gruta um tronco de oliveira, cuja ponta aguçarei com o punhal, colocando-o, em seguida, no fogo. Depois, uma vez calcinado, erguendo-o bem incandescente, o espetarei bem no meio do olho do Cíclope e lhe derreterei a visão no calor do fogo. Como um homem que, ao ajustar as peças de um navio, com uma dupla amarra manobra o trado, assim no olho do Cíclope, sede da luz, girarei o tição e lhe secarei a pupila.

460 CORIFEU — Ah! ah! Estou feliz, louco de alegria com esses ardis!

ULISSES — Depois, embarcando os companheiros, a ti e ao velho no bojo da negra nau, e com o auxílio dos duplos remos, vos conduzirei para longe desta terra.

470 CORIFEU — Pode, por ventura, acontecer que também eu, como numa libação sagrada,⁴² tenha que tocar no tição que lhe apagará a luz dos olhos? Quero participar desse massacre!

ULISSES — E vai ser necessário, porque o tição é enorme e todos terão que segurá-lo.

CORIFEU — Eu ergueria até o peso de cem carneiros, se conseguíssemos, como se fosse a um vespeiro, encher de fumaça o olho desse amaldiçoado Cíclope!

475 ULISSES — Silêncio, agora! Conheces, de sobra, o nosso plano. Quando eu der o sinal, obedecei todos às minhas ordens. Não me salvarei sozinho, deixando os queridos amigos, que estão lá dentro. Embora pudesse fugir, já que estou livre das profundezas da caverna, não seria justo escapar sozinho, abandonando lá os amigos que me acompanharam até aqui! (*Entra novamente na caverna*)

480 CORIFEU — Vamos! Quem será o primeiro, quem será o segundo, que, empunhando resolutamente a extremidade do tição, o mergulhará bem dentro da pupila do Cíclope, para lhe arrancar a visão?

Ouve-se um canto vindo da gruta

Silêncio, silêncio!

Surge Polifemo, entre Ulisses, que segura o odre e o copo, e Sileno, que tem em seus braços um jarro e um vaso

490 Eis que, embriagado e entoando uma canção sem graça, o desafinado cantor, que em breve há de lamentar-se, sai de seu abrigo rochoso. Vamos! Com alegres câncões eduquemos o grosseirão! De qualquer forma ele será privado da visão.

⁴² Era hábito, nos ritos dos sacrifícios e nas cerimônias do culto, tocar no copo das libações, como sinal de participação ritual.

PRIMEIRO SEMICORO — Feliz o que grita evóé e, sob o efeito do líquido querido das uvas, se entrega às orgias; feliz o que aperta um amigo em seus braços e sobre as almofadas, com os cabelos impregnados de óleo perfumado, espreme a beleza em flor de uma lânguida cortesã, dizendo: “quem me abrirá a porta?”

CICLOPE — Com a breca! Estou cheio de vinho e muito excitado, após este lauto banquete; meu ventre, como um navio, está carregado até o convés.

O verde das encostas me convida a partir em festa, nesta estação primaveril, para junto de meus irmãos Ciclopes (*A Ulisses*) — Vamos, meu hóspede, vamos, passa-me o odre.

SEGUNDO SEMICORO — Um belo olhar em seu olho, a Beleza está saindo de sua morada... Temos aqui um amigo.⁴³ Tochas acesas te aguardam, com uma terna esposa, no interior do antro. Coroa multicores se comprimirão, dentro em breve, em torno de tua cabeça.

ULISSES — Ouve-me, Ciclope. Conheço profundamente este Baco que te dei a beber.

CICLOPE — Que deus se reconhece nesse Baco?

ULISSES — O mais poderoso para cativar a vida humana. CICLOPE — Pois eu o vomito com muito prazer.

ULISSES — Trata-se de um deus que não prejudica a nenhum dos mortais.

CICLOPE — Como pode um deus aceitar, feliz, que lhe dêem por residência um odre?

ULISSES — Onde o colocam, aí se acomoda.

CICLOPE — Os deuses não deveriam trancar-se em couros. ULISSES — E daí, se o deus te agrada? O couro te aborrece?

⁴³ Todo este semicoro tem um sentido duplamente irônico: fingindo saudar Polifemo, o coro exalta Ulisses, como se fosse uma divindade. Os preparativos para a cerimônia nupcial, as tochas, a jovem esposa e as coroas multicores são, na realidade, uma ameaça velada: as tochas são o tício que vai cegar o Ciclope; a coroa multicolor é o rosto do monstro, enegrecido pelo carvão e avermelhado pelo sangue.

CICLOPE — Odeio o odre, mas adoro este licor. ULISSES — Fica pois aqui, Ciclope; bebe e festeja. CICLOPE — Não devo então oferecer um pouco deste vinho a meus irmãos?

ULISSES — Conservando-o contigo, terás honras maiores. CICLOPE — Oferecendo-o aos amigos, seréi mais útil.

ULISSES — A orgia provoca brigas, insultos e rixas.

CICLOPE — Bêbado como estou, ninguém ousaria tocar-me. ULISSES — Um bêbado, amigo, tem que ficar em casa.

CICLOPE — Quem bebe e não cai na orgia é um estúpido. ULISSES — Sábio é aquele que, uma vez embriagado, permanece em seu lar.

CICLOPE — Que devemos fazer, Sileno? Achas que devo ficar em casa?

SILENO — Acho. Que necessidade temos, Ciclope, de outros colegas para beber?

CICLOPE — E a terra está coberta de flores...

SILENO — E é bom beber ao calor do sol. Vamos, deita. Estende o corpo no chão.

Deita-se Polifemo sobre a relva. Sileno, furtivamente, coloca o odre atrás do Ciclope.

CICLOPE — Por que colocas o odre atrás de mim?

SILENO — É que alguém pode passar por perto e derubá-lo.

CICLOPE — Não, queres é beber às escondidas. Coloca-o aqui no meio de nós dois. (*Sileno obedece. A Ulisses*) Como desejás ser chamado, meu hóspede?

ULISSES — *Ninguém*. Que favor te doverei agradecer?

CICLOPE — Serás devorado por último, após todos os teus companheiros.

SILENO (*Mistura água ao vinho e enche o copo*) — Concedes a teu hóspede, Ciclope, um grande privilégio. (*Bebe*) CICLOPE — Olá! Que é isto? Bebes o vinho às escondidas?

SILENO — Não; foi este Baco que me beijou, porque tenho olhos bonitos.

CICLOPE — Cuidado! Lamentarás, se amas um vinho que não te ama!

555 SILENO — Sim, por Zeus! Ele diz que me ama, porque sou bonito.

CICLOPE — Entorna e enche o copo. Entrega-me!

SILENO — Como está a mistura? Dá aqui, para que eu a examine.

CICLOPE — Ah! Vais estragá-la. Passa-a para cá, assim mesmo.

SILENO (*Com o copo na mão, oferece a Polifemo uma coroa*)
— Sim, por Zeus! Quero ver-te primeiro coroadado, depois entregarei o copo, e o provarás! (*Enquanto Polifemo pega a coroa, Sileno esvazia o copo*)

560 CICLOPE — O copeiro é desonesto!

SILENO — Não, por Zeus! Mas o vinho é delicioso! (*Inclinando-se para o Ciclope*) Para beber, é preciso que te limpes primeiro. (*Enche novamente o copo*)

CICLOPE (*Limpa a boca e a barba*) — Pronto: meus lábios e minha barba estão limpos.

SILENO — Dispõe então teu cotovelo com graça (*O Ciclope obedece*) e depois esvazia o copo, como eu estou fazendo (*Bebe*) e como... nunca mais o verás!

565 CICLOPE — Fêh! Que fazes?

SILENO — Bebi, gostosamente, de um só trago.

CICLOPE (*Arranca-lhe o copo das mãos e entrega-o a Ulisses*)
— Toma, meu hóspede: serás agora o meu copeiro.

ULISSES — Minhas mãos conhecem realmente a videira. CICLOPE — Vamos, serve!

ULISSES — Vou servir; mas, silêncio!

CICLOPE — Tua ordem é difícil para quem bebe desbragadamente.

570 ULISSES (*Oferecendo-lhe o copo*) — Ei-lo, toma e bebe tudo sem deixar nada. Serve a bebida até perder o fôlego. CICLOPE (*Bebedor*) — Ah! Como é sabido o tronco da videira.

ULISSES — E se, após um lauto banquete, o sorveres copiosamente, inundando teu ventre ressequido, cairás no sono. Se não o fizeres, Baco te secará! (*Polifemo esvazia mais um copo cheio*)

580 CICLOPE — Uf! Como é difícil sair das ondas! Que prazer delicioso! Parece que o céu está girando, confundindo-se com a terra. Vejo o trono de Zeus e a corte inteira dos deuses em sua augusta majestade. (*Os Sátiros fazem piruetas em torno do Ciclope e o provocam*) Não! Não vos abraçarei — são as Cárites⁴⁴ que me atormentam. (*Volta-se pesadamente para Sileno, deitado a seu lado e a abraça*) Basta-me este Ganimedes.⁴⁵ Com ele repousarei deliciosamente, sim pelas Graças! Tenho mais prazer com um garoto do que com mulheres.

585 SILENO — Sou, por acaso, o Ganimedes amado por Zeus?

CICLOPE — Sim, por Zeus! (*Ergue-se e arrasta Sileno para a gruta*) Eu te raptei em Tróia.

SILENO (*Debatendo-se*) — Estou perdido, meus filhos! Te-rei uma morte horrível!

CICLOPE (*Parando e repreendendo a Sileno*) — Desprezas o amante e o injurias, porque está bêbado?

SILENO — Ai de mim! Beberei, agora, um vinho amargo! *Sileno desaparece na gruta com o Ciclope, seguido de Ulisses, que retorna logo após.*

590 ULISSES (*Aos Sátiros*) — Vamos, rebentos de Dioniso, filhos destemidos, o homem está lá dentro! Dominado pelo sono, começará a vomitar, dentro em pouco, pedaços de carne de sua garganta imunda. Lá na gruta, o tição exala uma fumaceira. O plano está traçado: só nos falta varar o olho do Ciclope. (*Ao Corifeu*) Para isso é preciso que te comportes como homem.

595

⁴⁴ *Cárites*, As Graças (Eufrosina, Talia e Aglaia) são divindades da beleza, responsáveis pela alegria na natureza e no coração dos homens, e mesmo no dos deuses. Habitam o Olimpo, em companhia das Musas. São filhas de Zeus e Eurínome.

⁴⁵ *Ganimedes*, o mais belo dos homens, era filho de Trós, portanto um descendente de Dárdano, lendário fundador de Tróia. Muito jovem ainda, Ganimedes foi raptado pela água de Zeus e substituiu Hebe no Olimpo, na função de copeiro dos deuses.

CORIFEU — Teremos uma vontade de rocha e de aço.

Volta, porém, à gruta, para que nosso pai não seja vítima de um tratamento indigno. Aqui estamos à tua disposição.

600 ULISSES — Hefesto, senhor do Etna, livra-te, de um só golpe, de um perverso vizinho, incendiando-lhe o olho brilhante; e tu, ó Sono, filho da sombra Noite, com todas as tuas forças, domina a besta detestada pelos deuses! Não permitais que Ulisses e seus nautas, após as gloriosas façanhas de Tróia, sejam destruídos por um monstro que odeia os deuses e os mortais.

605 Caso contrário, há de se considerar o Azar como deus e o poder dos deuses como algo mais frágil que o Azar.

610 CORO — O tenaz prenderá firmemente a nuca do devorador de hóspedes. Daqui a pouco o fogo lhe destruirá a pila brilhante. Já o tição carbonizado, galho enorme de árvore, esconde-se nas cinzas. Avante, Marão!⁴⁶ Mãos à obra! Que ele arranque o olho do Cíclope em fúria e beba em homenagem à sua desgraça! Quanto a mim, quero deixar este deserto do Cíclope, para rever o saudoso Brômio, portador do tirso.

Mas, chegarei lá?

620 ULISSES (*Saindo do antro e dirigindo-se aos Sátiros*) — Pelos deuses, ficai em silêncio, Sátiros. Quietos, boca fechada. Eu vos proíbo respirar, piscar o olho e até cuspir! Não despertemos o flagelo, até que o olho do Cíclope seja consumido pelo fogo!

Os Sátiros param, como que petrificados

CORIFEU — Nós nos calaremos, engolindo a respiração.

630 ULISSES — Vamos! É hora de segurardes o tição com as duas mãos. Entrai: o espeto já está completamente incandescente.

CORIFEU — Não te compete, por ventura, escolher os primeiros que, empunhando a estaca calcinada, devem arrancar pelo fogo o olho do Cíclope, para que assim possamos participar da ação?

⁴⁶ Marão designa aqui o próprio vinho, o Gênio de que ele é o símbolo.

635 PRIMEIRO SEMICORO — Nós aqui, na entrada, estamos muito distantes, para que possamos enterrar-lhe o tição no olho.

SEGUNDO SEMICORO (*Coxeando, com uma careta de dor*) — Nós ficamos coxos repentinamente.

PRIMEIRO SEMICORO (*Coxeando também*) — Vossa doença é a nossa. Estamos de pé, mas, não sei como, porque sofremos luxação em ambos os pés.

640 ULISSES — De pé, com luxação em ambos os pés?

SEGUNDO SEMICORO (*Esfregando os olhos*) — E nossos olhos? Estão cheios de poeira ou de cinza, vindas não se sabe de onde!

Os Sátiros esfregam os olhos, coxeando

ULISSES — Covardões! Deles não se pode esperar ajuda alguma.

645 CORIFEU — Temer pelas minhas costas e minha espinha; não querer, com uma bofetada, cuspir os dentes, isto é covardia? (*Aproximando-se de Ulisses, com ar misterioso*) Conheço, porém, um encantamento de Orfeu, que é muito eficaz: com ele, o tição, penetrando espontaneamente no crânio do Cíclope, incendiará o olho único do filho da Terra.⁴⁷

650 ULISSES — Não é de hoje que ouço falar em vossa covardia, mas agora passei a conhecê-la melhor. Terei, assim, que recorrer somente a meus próprios companheiros. (*Dirige-se para a gruta; ao Corifeu, antes de entrar*) Mas já que vosso braço é frágil, ajudai ao menos a comandar a

⁴⁷ Os mitógrafos distinguem três tipos de Cíclopes: os "urânicos" (Brontes, Estéropes e Arges), filhos de *Urano* (Céu) e *Géia* (Terra), que ajudaram Zeus a derrotar os Titãs; os "homéricos", já caolhos e antropófagos, cujo chefe é Polifemo, como aparecem na *Odisseia*, e que habitavam perto de Nápoles, deslocando-se mais tarde, com Eurípides, e sobretudo à época alexandrina, para a Sicília — eram os ferreiros e artífices das armas divinas e os "Cíclopes antigos", vindos, segundo a tradição, da Lícia, e que eram responsáveis por todos os gigantescos monumentos pré-históricos da Grécia antiga. Eurípides, por vezes, não faz muita distinção entre uns e outros e funde "urânicos" com "homéricos". Veja-se a respeito dos Cíclopes e sobretudo do *Cíclope Polifemo* nossa *Mitologia Grega*, v. I, p. 204 sqq.

manobra: que vossos cantos cadenciados façam crescer a coragem dos meus amigos.

655 CORIFEU — Isto faremos. Às tuas custas, correremos o risco! (*Ao Coro*) Que ao som de nossas canções o Cíclope tenha o olho vazado!

660 *Os Sátiros, gesticulando, cantam a plenos pulmões*
Oh! Olaré! Empurrar corajosamente o tição! Vamos rápido! Torrai as pálpebras do monstro, devorador de hóspedes. Ah! Queimai, cegai o pastor do Etna! (*A Ulisses*)
Gira o tição, retira-o! Cuidado, para que louco de dor, o Cíclope não provoque um desastre!

Ouve-se, na caverna, um urro medonho
CÍCLOPE (*Invisível*) — Ai! Desgracia! Carbonizaram meu olho, cegaram-me!

665 CORIFEU — Belo peã!⁴⁸ Canta-o para mim, Cíclope!
CÍCLOPE (*Invisível*) — Três vezes desgraçado! Fizetam-me uma grande violência, estou perdido! Jamais, porém, permitirei que, felizes, fujais desta gruta, seres menos que nada! Postado à saída do antro, eis as minhas mãos prontas para agarrar-vos (*Aparece à entrada da gruta, barrando-lhes a saída, com os enormes braços estendidos. Todo o seu rosto está coberto de carvão e sangue*)

CORIFEU — Que estás lamentando, Cíclope?

CÍCLOPE — Estou perdido!

670 CORIFEU — Realmente, estás deformado!

CÍCLOPE — E mais que isso, sou um desgraçado!

CORIFEU (*Fingindo compaixão*) — Embriagado, caíste no meio das brasas?

CÍCLOPE — NINGUÉM me destruiu.

CORIFEU — Bem, então ninguém te fez mal.

CÍCLOPE — NINGUÉM me cegou.

CORIFEU — Nesse caso, não estás cego.

CÍCLOPE — Sim, a não ser que estejas também cego...

CORIFEU — E como ninguém poderia te cegar?

⁴⁸ *Peã* é um canto grave, executado por um coro masculino, normalmente em honra de Apolo e, por extensão, canto de guerra, de vitória, de festa.

675 CÍCLOPE — Zombas de mim. Onde está este NINGUÉM?
CORIFEU — *Em parte alguma*, Cíclope.

CÍCLOPE — É o estrangeiro, vê se compreendes de uma vez, que me arruinou, o amaldiçoado! Ofereceu-me bebida e me afogou!

CORIFEU — Coisa terrível o vinho: um adversário difícil de ser vencido!

CÍCLOPE — Pelos deuses, eles fugiram ou ainda estão na gruta?

680 CORIFEU — Lá estão eles, silenciosos, escondidos no abrigo do rochedo.

CÍCLOPE — De que lado?

CORIFEU — À tua direita.

O Cíclope, deixando a entrada do antro, dirige-se cambaleante para a direita. Com os braços estendidos, apalpa o rochedo. Enquanto isso, Ulisses e seus companheiros escapam sorrateiramente da gruta e caminham para o lado oposto ao de Polifemo

CÍCLOPE — Onde?

CORIFEU — Junto ao próprio rochedo. Já os agarraste?

CÍCLOPE (*Cai sobre uma saliência da pedra*) — Desgracia e mais desgracia! Bati com a cabeça e me arrebentei.

CORIFEU — E eis que eles te escapam.

685 CÍCLOPE (*Parando, indeciso*) — Não é por aqui? É por aqui que dizias?

CORIFEU — Não, por ali.

CÍCLOPE — Por onde então?

CORIFEU — Faze a volta; lá, à tua esquerda!

CÍCLOPE — Ai de mim! Ridicularizam-me. Estais zombando de minha ruína! (*Começa a voltar*)

CORIFEU — Agora, não! Ei-lo diante de ti.

CÍCLOPE — Três vezes celerado, onde estás finalmente?

Os gregos estão agora na entrada, à direita, separados do Cíclope por toda a largura da cena

690 ULISSES — Bem afastado de ti, guardo com toda a segurança a pessoa de Ulisses.

CICLOPE — Que dizes? Trocas teu nome por um nome novo?

ULISSES — Aquele que recebi de meu pai, que me chamou de Ulisses. Tinhas que pagar pelo sacrílego banquete. Em vão teríamos incendiado Tróia, se não vingasse em ti o assassinato de meus companheiros.

695

CICLOPE — Ai de mim! Cumpre-se o antigo oráculo, segundo o qual tu me cegarias, em teu retorno de Tróia, mas que pagarias por isso, vaticinava ele, vagando no mar, por um longo tempo.

700

ULISSES — Vai para o inferno! Aliás, já foste! Quanto a mim, vou dirigir-me para o litoral, lançar minha nau no bojo do mar da Sicília e singrar em direção à pátria.

CICLOPE (*Enquanto os gregos se afastam*) — Não! Arranquei um pedaço deste rochedo e, arremessando-o, sepultar-te-ei com teus marinheiros. Para isso, embora cego, subirei a este penhasco, alongando o passo através deste antro de duas saídas. (*Entra na gruta*)

705

Os Sátiros, à direita, seguem os gregos

CORIFEU — E nós, compartilhando a nau de Ulisses, serviremos doravante a Baco.